



Arquivística histórica e arquivos de família, entre história e ciência arquivística: reflexões sobre um percurso científico e académico

Autor(es): Rosa, Maria de Lurdes; Nóvoa, Rita Sampaio da

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/44885>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/0870-4147_49_4

Accessed : 9-Apr-2019 09:21:10

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.





49

REVISTA
PORTUGUESA
DE
HISTÓRIA

COIMBRA 2018

Arquivística Histórica e arquivos de família, entre História e Ciência arquivística. Reflexões sobre um percurso científico e académico

Historical archivistics and family archives, between History and Archival Science. Reflections on a scientific and academic pathway

MARIA DE LURDES ROSA
Departamento de História da FCSH.NOVA
IEM- FCSH.NOVA
missi@oniduo
<https://orcid.org/0000-0002-2027-4485>

RITA SAMPAIO DA NÓVOA¹
CEPESE; IEM- FCSH.NOVA
ritasampnova@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6543-6807>

Texto recebido em / Text submitted on: 25/02/2018
Texto aprovado em / Text approved on: 20/06/2018

Resumo:

Neste artigo apresenta-se a área de estudo da Arquivística Histórica, situada na confluência da História com a Arquivística, e expõem-se as circunstâncias do seu desenvolvimento, de forma informativa, mas também reflexiva e crítica. Após uma primeira parte em que se trata do conceito que dá nome à área, descrevem-se as várias atividades que nela têm sido realizadas no âmbito do programa ARQFAM, e apresentam-se as investigações doutorais realizadas e em curso sobre arquivos de família na Europa de Antigo Regime, visando esboçar uma primeira síntese a partir delas.

Palavras-chave:

Arquivística Histórica; arquivos de família; História; Ciência Arquivística.

Abstract:

The article presents the area of study of Historical Archivistic, located at the confluence of History and Archives, and exposes the circumstances of its development, in an informative but also reflective and critical mood. After a first discussion of the concept that names the field, area, we describe the different activities that have been carried out within the scope of the program ARQFAM, and present the Ph.D. thesis completed or in progress on family archives in premodern Europe, aiming to present a first synthesis of the subject.

Keywords:

Historical archivistics; family archives; History; Archival Science.

¹ As autoras agradecem a colaboração de Maria João da Câmara Andrade e Sousa, Margarida Leme, Alice Gago, Filipa Lopes e Judit Gutiérrez de Armas.

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar tanto uma área de estudo situada na confluência da História com a Arquivística, como expor as circunstâncias do seu desenvolvimento concreto, num contexto académico preciso, com as suas condicionantes, problemas e oportunidades. Juntam-se propositadamente as duas esferas, uma vez que seria ingénuo pensar que se pode fazer ciência pura, e ignorar a reflexão sobre as configurações académicas da produção do saber². O percurso que aqui se apresenta é a esse respeito exemplar, antes de mais para os próprios intervenientes: nasceu de uma conceção de investigação histórica mais canónica, digamos, para se alargar em função da receção encontrada em ambientes algo inesperados – setores da sociedade civil raramente tidos em conta pelos historiadores como interlocutores válidos, e áreas disciplinares emergentes; desenvolveu-se a partir da criação de uma fileira de formação doutoral nova, cujo poder de atração comprova o interesse pela temática arquivística; consolidou-se através de uma internacionalização sustentada. Justifica-se assim uma sua “apresentação crítica”, com algum detalhe, para de seguida se exporem as principais linhas de investigação em curso.

O dossier da *Revista Portuguesa de História* sobre “As Ciências históricas hoje”, cuja atempada organização se saúda, surge como o lugar ideal para esta reflexão, que se oferece num espírito de total abertura a críticas e sugestões. A «Arquivística História» é uma área de investigação entre a História e a Ciência Arquivística que, sem se rever no paradigma das “Ciência históricas” como local disciplinar da “arquivística”, defende porém uma plena natureza científica desta – algo que, paradoxalmente, não lhe é reconhecido por escolas disciplinares que participaram na “emancipação” da “arquivística-ciência-auxiliar da História”; e que considera fundamental o diálogo com a História, em especial quanto às correntes teoricamente informadas desta, nas quais se encontram reflexões de foro epistemológico muito sólidas, que não se podem atualmente ignorar, mantendo uma visão desatualizada da relação entre aquela e Arquivística.

² Esta é cada vez mais a tendência da «viragem historiográfica» de inícios do século XXI, que defende a importância de uma consideração extensa dos fatores contextuais na historiografia, nomeadamente aspetos antes apenas timidamente evocados, como as configurações académicas, as instâncias e modalidades de financiamento científico, o impacto social ou as biografias dos autores, tendo-se produzido já uma quantidade importante de instrumentos de trabalho e de recolha de informação para tal (para o caso da historiografia medieval, ver Maria de Lurdes Rosa, *Fazer e pensar a História medieval hoje. Guia de estudo, investigação e docência*, Coimbra, IUC, 2017, 37 ss.).

1. A Arquivística Histórica: uma definição e um *work in progress*

Nas últimas décadas, foi rapidíssima a evolução do campo disciplinar e acadêmico da Arquivística. A antiga disciplina auxiliar da História é agora referida como “Ciência Arquivística” nas mais importantes universidades e centros de investigação e produção do saber em Ciências Sociais, ao mesmo tempo que a difusão social dos temas que trata ultrapassa mesmo esta área, para chegar às artes, à literatura, à filosofia. Não será aqui possível, certamente, invocar a fundo este percurso, que não foi unívoco nem reúne total consenso – setores há, por exemplo, que consideram a Arquivística uma “disciplina aplicada” da Ciência da Informação³, enquanto para muitos historiadores, ela pouco mais é do que a técnica que lhe possibilita o acesso às “fontes”⁴. Optou-se assim por brevemente caracterizar a perspectiva de que se parte, desde já dizendo que, num meio académico (português) que se define sobretudo entre os dois polos acima referidos, aquela se situa no seu exterior. Alinha antes, pela definição de «Archival Science» tal como é apresentada na obra a um tempo programática e recapitulativa *Research in the archival multiverse*⁵, complementando-a com as propostas de História dos arquivos e da Informação elaboradas nos últimos anos por autores como Randolph Head, Filippo de Vivo, Markus Friedrich ou Liesbeth Corens⁶ e, por fim, revendo-se nas tentativas

³ Fernanda Ribeiro, “A Arquivística como disciplina aplicada no campo da ciência da informação”, *Perspectivas em gestão & conhecimento*, 1, n.º 1 (2011), p. 59-73; Armando M. da Silva, Fernanda Ribeiro, *Das «ciências» documentais à ciência da informação. Ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*, Porto, Ed. Afrontamento, 2008, p. 79.

⁴ Sobre a relação dos historiadores com os arquivos, há hoje em dia uma literatura diversificada, em geral vinda de arquivistas ou de especialistas em literacia informacional (v.g. para uma e outra: um clássico, o grande defensor do “metodo storico”, porém sempre claro em relação à ignorância dos historiadores sobre os arquivos – Elio Lodolini, “The war of independence of archivists”, *Archivaria*, 28 (1989), 36-47; e entre os estudos de Literacia Informacional: Hea Lim Rhee, “Modelling historians’ information-seeking behaviour with an interdisciplinary and comparative approach”. *Information research*, 17 (2012); alguns historiadores têm-se dedicado à reflexão da sua relação com o arquivo, e citaremos como exemplares três números especializados de revistas históricas conceituadas – “Fabrique des archives, fabrique de l’Histoire”, *Revue de Synthèse*, 125 (2004); o dossier “L’historien et «ses» «sources»” em *Hypothèses*, 2003/1 (2004); e o dossier “Archives” de *Écrire l’Histoire*, 13-14 (2014) – que reúnem também importantes contribuições de arquivistas).

⁵ Anne Gilliland (et al.) (eds.), *Research in the Archival Multiverse*, Melbourne, Monash University Publishing, 2016; veja-se em especial Eric Ketelaar, “Archival turn and returns”, p. 228-268.

⁶ Cfr. a nossa apreciação do campo historiográfico em M^a de Lurdes Rosa, “Reconstruindo a produção, documentalização e conservação da informação social prémoderna. Perspectivas teóricas e proposta de percurso de investigação”, *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 30 (2017), p. 547-586.

de “fazer ponte” sobre o “archival divide”, essa situação de não colaboração entre arquivistas e historiadores, quanto ao “processamento do Passado”⁷, a que se chegou em função do extremar de posições na luta académica. Considera-se porém importante não esquecer as propostas que trouxeram o conceito de “informação” para o âmbito das Ciências Sociais, para a Ciência Arquivística e para a História. Provenientes de vários quadrantes, e combinadas com a “nova epistemologia das fontes” teorizada por historiadores como E. Anheim, elas permitem, entre outras coisas, pensar num momento prévio à “documentalização”, enriquecendo a relação do historiador com os seus materiais⁸. Por fim, sendo um campo desenvolvido à medida que se aprofunda a investigação empírica, seja em teses, seja em projetos de investigação, a Arquivística Histórica que ora apresenta, é um *work in progress*, que só pode beneficiar da possibilidade de se expôr à crítica e à reflexão científicas.

Oferecendo uma definição – mesmo que aceitando a sua provisoriedade –, chamou-se “Arquivística Histórica” à perspetiva que, a partir dos contributos enunciados, visa estudar a produção informacional das instituições e a sua transformação em documentos e arquivos, na História, tendo em conta a produção de informação social em contexto, a sua “documentalização”, e as múltiplas faces que os “arquivos” podiam ter (usando por exemplo o conceito de “práticas arquivísticas”). Esta investigação é feita não apenas com os arquivos existentes, mas complementa-os com informações reunidas em fontes diversas sobre aqueles aspetos; caracteriza historicamente as instituições e constrói modelos de cariz orgânico para o tratamento da documentação existente; analisa a forma como arquivavam e usavam a informação arquivada, conferindo-lhe importância social; contextualiza estas práticas e interpreta o seu significado; segue todo o percurso da informação e procura compreender as mutações a que o tempo a sujeitou; enfim, almeja responder a questões historiográficas mais amplas.

A formulação desta área disciplinar nasceu de uma investigação histórica bastante tradicional, que se pode dizer ter sido ultrapassada tanto pela realidade, como pelo contacto com a investigação internacional multidisciplinar. Este processo, longe porém de constituir um problema, trouxe quanto a nós os melhores resultados, pois conduziu a uma reconfiguração quase total do objeto de estudo, ao conhecimento de propostas teóricas inovadoras, e a um notável

⁷ Jogamos aqui com o título, e as ideias, de um dos livros centrais nesta temática: Francis Blouin, William Rosenberg, *Processing the Past. Contesting authority in History and the archives*, Oxford, OUP, 2011.

⁸ Para a caracterização desta tendência historiográfica, cfr. Maria de Lurdes Rosa, “Reconstruindo a produção...”, p. 551-556.

alargamento de contactos científicos. Dado que a investigação de partida acima referida dizia respeito aos arquivos de família do Portugal de Antigo Regime e este tema continua a constituir a vertente mais alargada e aprofundada do trabalho em curso, será a ela que nos referiremos sobretudo neste artigo⁹.

2. Um campo de investigação, formação e difusão cultural (2008-2018): os arquivos de família na sociedade pré-moderna¹⁰

2.1. Percursos

Uma reflexão sobre as reuniões científicas: importância, perigos e racionalização

Abrir com a importância das reuniões científicas é algo que nos obriga a uma declaração prévia de princípios. Consideramos fundamental a reflexão, enquanto cientistas e historiadores, sobre a utilidade e objetivos dos eventos científicos, hoje em dia em quantidade tão elevada que se torna impossível frequentar a maioria, e que leva, por outro lado, tanto à prática da “repetição” de comunicações por cientistas “sempre em trânsito”, como à realidade ingrata, de tantos conhecida, das salas vazias. Já no dealbar do século XXI a crítica mordaz de Alain Guerreau apontava este como um dos problemas centrais de meios académicos pseudo-cosmopolitas¹¹. Qual a utilidade social das reuniões científicas e qual a sua relação com um ritmo bem diverso delas, o da produção de ciência e o da formação de investigadores, onde se situa, quanto a nós, o mais importante motor de tudo o resto?

⁹ No âmbito do Doutoramento em História, área de Arquivística Histórica, do Departamento de História da NOVA FCSH, a que nos reportamos quanto à formação aprofundada, para além das teses sobre arquivos de família, há outras teses em curso, sobre arquivos de instituições de Antigo Regime e Estado liberal; sobre instituições religiosas; e sobre arquivos pessoais.

¹⁰ O presente artigo, ao focar-se na apresentação crítica do trabalho desenvolvido na FCSH, não se constituiu como um ponto da situação quanto aos arquivos de família em Portugal. Dito isto, cumpre afirmar sem equívoco que não se pretende olvidar o anteriormente feito, ou em curso, em distintos enquadramentos, sobre arquivos de família. Boa parte deste trabalho mais vasto inspirou e inspira diretamente o nosso percurso, e a colaboração com outras universidades e diferentes instituições de arquivo tem sido o caminho seguido. Para uma apresentação e balanço dos vários polos de desenvolvimento desta temática veja-se Abel Rodrigues, “Os arquivos pessoais e familiares em Portugal: uma reflexão crítica dos últimos vinte anos”, In *Actas do I Encontro da Fundación Olga Gallego: Arquivos Privados de Pessoas e Famílias. Unha ollada á Fundación Penzol*, Galiza, Fundación Olga Gallego, 2018, p. 31-50.

¹¹ Alain Guerreau, *L’avenir d’un passé incertain. Quelle histoire du Moyen-Âge au XXIe siècle*, Paris, Seuil, 2001, p. 291 ss..

Se se começa por aqui, é porque foi na realização de um conjunto de reuniões científicas que residiu a génese do alargamento do projeto inicial, e porque nelas se aprenderam algumas coisas essenciais quanto ao sentido daquelas. Em primeiro lugar, é preciso ir modificando a escala, não insistindo, sobretudo, em repetir grandes eventos com “call” alargado, onde o número de participantes e a multiplicidade temática dificulte ou mesmo impeça uma discussão científica séria; depois, planificar uma sequência plurianual com fins estratégicos; por fim, deixar lastro, o que quer dizer sobretudo publicar, mesmo se parcialmente.

As primeiras conferências que se organizaram em torno da temática dos arquivos de família datam de 2008 e revelaram, desde logo, uma das principais características dos esforços de investigação, divulgação e sensibilização que procuramos desde então desenvolver em torno dos arquivos de família. Referimo-nos à importância de promover e inserir-se no diálogo entre os historiadores e arquivistas e os proprietários de acervos familiares¹². O mesmo princípio esteve patente na participação no congresso “Casa Nobre: um património para o futuro”, na sua edição de 2008 (com continuidade em edições posteriores)¹³, bem como na inclusão de historiadores e arquivistas que haviam tratado o tema dos arquivos de família até então, nas reuniões organizadas. Este diálogo encontrou um ponto alto em 2010 com o colóquio internacional “Arquivos de família, séculos XIII-XIX: que presente, que futuro?” e com a publicação das respetivas atas. As suas cinco secções viriam a traduzir os principais focos de ação nos anos subsequentes: repensar a relação entre a História e a Arquivística; dar voz aos atuais proprietários; fazer história com este tipo de arquivos, fazendo ao mesmo tempo a história dos mesmos; e garantir a salvaguarda e a difusão destes conjuntos documentais. No ano seguinte estas ideias concretizaram-se num estudo de caso particular explorado no colóquio internacional “D. Álvaro da Costa e a sua descendência, sécs. XV-XVII: poder, arte e devoção”, que decorreu em Lisboa e em Évora.

Destas reflexões, focadas especificamente em arquivos de família, avançou-se para debates mais abrangentes que começaram a absorver princípios teóricos e práticos da Arquivística e da Ciência da Informação, sobretudo no que diz respeito ao tratamento, descrição e classificação dos arquivos. Em 2012 foi organizado o seminário internacional “História dos arquivos e da informação: um campo de investigação», e, em 2013, um encontro de formação sobre a

¹² De modo a agilizar o artigo, remetemos, para todas as informações sobre realizações concretas e sobre edições, para o site do programa «Arquivos de família, arquivos de comunidade(s): arquivística, história, herança cultural» – <http://fch.unl.pt/arqfam/>.

¹³ Informações sobre o Congresso nas suas várias edições, e disponibilização *online* das atas das edições 3 a 5, em: <https://sites.google.com/site/casanobrecongresso/>.

ferramenta *Access to Memory* (AtoM), uma aplicação de código aberto que funciona em ambiente web e que se destina à descrição normalizada de arquivos definitivos. Ambos os encontros fortaleceram os laços com a comunidade dos arquivistas e dos informáticos com ela relacionados, e vieram a dar importantes frutos, entre os quais se destaca a utilização do AtoM, tanto no projeto INVENT. ARQ, como nas teses de doutoramento em Arquivística Histórica¹⁴.

A partir de 2013, e com especial intensidade em 2014/15, as reuniões científicas deram novo passo no sentido da especialização, da formação de doutorandos e da internacionalização. Tal deveu-se a três circunstâncias específicas: o convite para inserção num programa de formação doutoral internacional, em função do trabalho realizado até então, e no quadro emergente do estabelecimento de relações diretas entre a *Casa de Velázquez – École des Hautes Études Hispaniques et Ibériques* e as universidades portuguesas, por iniciativa daquela instituição; a aprovação de um projeto de investigação financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT); e a realização de uma *fellowship* sobre a temática histórica da investigação em Arquivos de família, por parte da coordenadora do trabalho, Maria de Lurdes Rosa. A maior inserção no circuito académico daqui decorrente obrigou – oportunamente – a uma mudança de ritmo. Dos eventos alargados passou-se, com uma rapidez que se veio a revelar muito positiva, para reuniões mais focadas, restritas e exigentes, para os membros das equipas. Destacáramos, desde logo, a aprendizagem possibilitada pela inserção no programa ARCHIFAM, pois este, como os restantes programas de investigação da *Casa de Velázquez*, consagra recursos e tempo à formação dos membros das equipas. Enfim, a internacionalização proporcionada pelos três conjuntos de atividades foi um fator de grande avanço na investigação. Em todos eles se realizaram apresentações das teses em andamento e da área de investigação, em sedes académicas estrangeiras de prestígio, contribuindo para uma melhoria da equipa e para a difusão da ciência e património portugueses. Para além do reforço do contacto com diferentes países europeus, foi muito relevante a inserção na academia americana, nomeadamente através da realização do seminário internacional “Noble houses and their archives in comparative perspective (Portugal, Spain, France),

¹⁴ A partir destes encontros, o AtoM começou a ser usado em vários projetos das entidades que a eles estiveram ligadas, tendo o programa de investigação em arquivos de família beneficiado muito da rede assim criada. Cf., para o CEHR da UCP, Papir, <http://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/arquivos/index.php/>; para o ICS, o Arquivo de História Social (<http://www.ahsocial.ics.ulisboa.pt/atom/index.php>); para a FCSH, os projetos sobre a Livraria Romano Torres (<http://fcsch.unl.pt/chc/romanotorres/>), o Arquivo da Igreja de N. Senhora do Loreto (<http://www.fcsch.unl.pt/arquivoloreto/gestadmin.html>); o Arquivo Digital do Comércio de Lisboa (1870-1974) (<http://arquivodigitalcomercio.fcsch.unl.pt/>).

14th-19th centuries”, no *Institute for Advanced Study*, em Princeton (novembro de 2015), no qual foram apresentadas duas das dissertações então em curso. O seminário, que contou com o patrocínio das unidades de investigação IEM e CHAM da FCSH, bem como da Fundação Gulbenkian, reuniu um conjunto de investigadores oriundos de diversos países e foi uma ocasião de intenso debate entre historiadores, arquivistas, e “arquivistas históricos”.

Após a enorme abertura possibilitada por estes enquadramentos, e ficando ela consolidada sobretudo através das publicações e das teses de doutoramento em curso, a equipa optou, a partir de 2016/2017, pelo regresso à relação com o público alargado, com os proprietários de arquivos de família, e com o meio académico mais próximo. Tal alteração de foco e escala teve como objetivo garantir a permanência do contacto com os diferentes meios interessados, ao mesmo tempo que se partilha o que se aprendeu noutras sedes. Aquele ano letivo foi assim marcado por dois ciclos de seminários, que trouxeram novos contributos para o percurso de investigação em curso. O primeiro desses ciclos, nomeado “Arquivos e História: estado(s) da(s) arte(s)”, foi celebrado no Arquivo Nacional Torre do Tombo e teve como objetivo proporcionar o conhecimento mútuo da investigação em História e em Arquivística, bem como do trabalho de índole mais prática realizado neste último campo sob a égide da DGLAB, nas funções que lhe cabem de órgão regulador da política arquivística nacional¹⁵. Caracterizou-se também pela aproximação a uma temática mais ampla de grande interesse para o estudo dos arquivos de família, nomeadamente os arquivos de comunidades, tendo sido apresentado neste ciclo o trabalho de duas instituições, o *Community Archives and Heritage Group*¹⁶, sedado no Reino Unido, e o ICARUS – *International Centre for Archival Research*¹⁷, uma associação que reúne vários grupos de diversas nacionalidades. O segundo ciclo, com o título “Arquivos de família & Investigação em História”, focou-se especificamente nos arquivos de família e nas potencialidades e desafios que estes representam para a escrita da História do Antigo Regime, tendo sido apresentados vários exemplos de estudos conduzidos a partir de arquivos de família¹⁸.

Em 2018 tornou-se possível o regresso à internacionalização dos encontros, com a realização, em Tenerife (Canárias, Espanha), do colóquio internacional

15 Realizado de Setembro de 2016 a junho de 2017, distribuiu-se por 9 sessões, com um total de 33 comunicações.

¹⁶ <http://www.communityarchives.org.uk/>.

¹⁷ <http://icar-us.eu/en/>.

¹⁸ Do encontro resultará um livro, a publicar em 2019, intitulado *Recovered voices, newfound questions. Family archives and historical research (15th-20th centuries)*.

“Património cultural e arquivos de família nos arquipélagos da Macaronésia”¹⁹. Este evento incidiu sobre estudos de caso relativos aos arquipélagos dos Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde, num esforço comparativo que, como veremos de seguida, tem oferecido importantes contributos para o conhecimento dos arquivos de família dentro e fora da Europa. A sua realização, é importante dizê-lo para apreciação do mesmo, enquadra-se na estratégia de colaboração universitária, que engloba uma cotutela de doutoramento e a participação em várias atividades de cada um dos parceiros, desde 2016. O modelo, proposto pelos colegas da *Universidad de La Laguna* (Tenerife), com coordenação de Juan Ramon Núñez Pestano, alia uma experiência prévia de levantamento dos arquivos de família nas Canárias – que assim se tenta relançar – com um enfoque cientificamente construído sobre um espaço que tem sentido interrogar em conjunto, para o melhor conhecimento da história social dos arquivos.

As fileiras de formação avançada...

As iniciativas de formação avançada ancoraram-se, desde logo, na realização de dissertações de Mestrado e Doutoramento especificamente direcionadas para o estudo dos arquivos de família. Neste âmbito, foi criada, em 2010, uma área de especialização do Doutoramento em História na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas dedicada à Arquivística Histórica, onde posteriormente se enquadraram outras teses que não incidiam sobre acervos familiares, mas seguiam os princípios teóricos e metodológicos da disciplina. No que toca aos arquivos de família, conta-se atualmente com uma tese de Mestrado²⁰ e duas teses de Doutoramento concluídas²¹, e quatro teses de Doutoramento em curso até 2020²². Quatro destes projetos foram financiados com bolsas de Doutoramento individuais atribuídas pela FCT e três deles foram construídos em regime de cotutela com universidades estrangeiras e sob a coorientação de especialistas internacionais. A este leque junta-se ainda um projeto de

¹⁹ <http://www.congresoarchivosmacaronesia.com/>.

²⁰ Patrícia Marques, *O Arquivo Castro/Nova Goa: construção de catálogo. A aplicação do Modelo Sistémico* (2014). Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/26855>.

²¹ Rita Sampaio da Nóvoa, *O Arquivo Gama Lobo Salema e a produção, gestão e usos dos arquivos de família nobre nos séculos XV-XVI* (2016). Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/19004>; Maria João da Câmara Andrade e Sousa, *O Arquivo da casa de Belmonte séculos XV-XIX: Identidade, gestão e poder* (2017). Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/26855>.

²² Margarida Leme, Alice Borges Gago, Judit Gutiérrez de Armas e Filipa Lopes.

pós-doutoramento igualmente financiado pela FCT²³. Dado que têm sido sempre trans-epocais, por referência às periodizações académicas tradicionais, as teses têm sido enquadradas por diferentes centros de investigação em História da FCSH, e orientadas em cotutela. Consegue-se assim de algum modo curto-circuitar a compartimentalização epocal que, neste objeto de estudo (como em muitos outros), é prejudicial à compreensão dos processos históricos²⁴.

Complementar à realização das teses tem sido a inserção das doutorandas em instâncias internacionais de formação e de apresentação de trabalhos com significativo grau de exigência. Entre outros exemplos, destacam-se o atelier doutoral da *Casa de Velázquez*, em 2014, a participação no seminário realizado em Princeton, em 2015, e a International Summer School “The New History of Archives. Early modern Europe and beyond” tutelada pela *Marbach Weimar Wolfenbüttel Research Association* (Wolfenbüttel, Alemanha) (em 2017). Nestes locais tem sido possível confrontar os diversos estilos de investigação das diferentes academias e ganhar habituação à exposição pública de ideias noutras línguas e em ambientes de crítica científica. Como é sobejamente conhecido, a realização de cotutelas é uma das formas mais simples de alcançar estes objetivos, e a experiência que temos vindo a relatar mostra bem as potencialidades de uma prática que as universidades portuguesas deviam encorajar sistematicamente, como uma forma de internacionalização bem mais sólida e de longo alcance que o circuito dos colóquios. Além de proporcionar uma melhor formação aos doutorandos, traz a possibilidade de troca de experiências de lecionação aos docentes, que podem ser potenciadas, entre outras coisas, por financiamentos científicos específicos de incentivo a estas ações. Neste âmbito, em março de 2018 decorreu uma estadia de lecionação na *École Nationale des Chartes* (Paris, França), por parte de Maria de Lurdes Rosa; a sua replicação é uma das fileiras em que se tenciona investir de futuro.

²³ Rita Sampaio da Nóvoa, *Do senhorio à Casa: estruturas institucionais de configuração do corpo familiar, sécs. XIV-XVII. Percursos jurídico-legais, histórico-arquivísticos e historiográficos* (2017); sedado no CEPESE, com orientação de José A. Sottomayor Pizarro, continua ligado ao Programa ARΦFAM pela coorientação de M^a de Lurdes Rosa. Rita Sampaio da Nóvoa continua a colaborar em outras atividades do ARΦFAM, como seja o “Projecto Castelo Melhor”.

²⁴ Teses no IEM: Rita Sampaio da Nóvoa, Alice Gago, Judit Gutiérrez de Armas (co-tutela na ULL para História moderna); teses IEM/ CHAM: Margarida Leme, Filipa Lopes; tese CHAM: M^a João Andrade e Sousa. Com o IHC estão a ser realizadas diferentes teses em arquivos do século XIX/XX, não relativos a arquivos de família.

... e o despertar interesse pela investigação nos alunos de licenciatura

Não menos importante do que fomentar a formação avançada, é criar o caminho para que ela possa manter-se, pelo menos do ponto de vista do interesse dos jovens investigadores. A partir de 2016, conseguiu-se levar a cabo uma experiência muito interessante e, mais uma vez, com resultados inesperadamente positivos, com os alunos da licenciatura em História (ingressados na FCSH no ano letivo de 2015/2016). Sob a orientação de Rita Sampaio da Nóvoa e juntando mais uma vez proprietários privados e novas tecnologias, realizou-se o “Projeto Lapa”, que teve como propósito estudar e descrever um dos inventários do arquivo da Casa da Lapa, o designado *Índex Geral*, produzido entre finais do século XVIII e inícios do século XX²⁵. Após a digitalização integral dos quatro volumes, custeada pelo proprietário e pelo projeto INVENT.ARQ, as imagens foram colocadas numa pasta do Programa “Dropbox”, partilhada pelos treze alunos do grupo²⁶. Ao longo de quase dois anos, num trabalho de *crowd-based archival description*, um pouco caseiro mas eficaz, orientado em reuniões mensais com a coordenadora, os alunos foram passando para uma folha de cálculo, todas as entradas do inventário, correspondentes a um total de c. 2300 documentos. Este documento será disponibilizado em linha no site do projeto INVENT.ARQ, em conexão com o inventário; e procedeu-se à apresentação pública da investigação, pelos alunos, em duas ocasiões – a primeira no encontro “Arquivos de Família & Investigação em História” (outubro de 2017), a qual dará lugar à publicação de um artigo conjunto, e a segunda numa sessão académica organizada pelo Instituto Português de Heráldica, em dezembro do mesmo ano. Em ambas as ocasiões esteve presente o proprietário do inventário, que não só tornou o projeto possível ao assegurar a digitalização do documento e a sua consulta em linha ao coletivo dos estudantes, como contribuiu para o conhecimento do inventário ao partilhar as suas próprias investigações.

²⁵ O inventário está em posse privada, tendo sido cedido, para este e outros fins, pelo seu proprietário, Luís da Costa de Sousa de Macedo, a quem se deixa penhorado agradecimento. Sobre ele ver Luís Henriques e M^a de Lurdes Rosa, «O Arquivo da Casa da Lapa (1804-1832) e os seus inventários: gestão dos bens e memória dos antepassados», *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 26 (2016), p. 89-132, e a ficha em M^a de Lurdes Rosa, Randolph C. Head (eds.), *Rethinking the archive in pre-modern Europe: family archives and their inventories from the 15th to the 19th centuries*, Lisboa, IEM, 2015 (<http://iem.fcsh.unl.pt/ebooks/estudos13/index.html#142/z>). As digitalizações e a listagem resultante do projeto serão disponibilizadas online em 2018, no site do projeto INVENT.ARQ, onde o inventário se encontra descrito – <http://www.inventarq.fcsh.unl.pt/>.

²⁶ Baltasar Branco, Serafim Carvalho, Francisco Cabral, Gislane Costa, Fábio Duarte, Sebastião Gaiolas, Gabriela Galveia, José Mafra, Raquel Novais, Patrícia Pimenta, Pedro Reis, Sara Ribeiro, Ana Margarida Santos.

O sucesso deste projeto levou a que o mesmo modelo fosse reproduzido em 2018, para o estudo e descrição de um conjunto de inventários da Casa de Castelo Melhor, datados do século XIX, e cuja digitalização foi também custeada e disponibilizada pelo seu proprietário²⁷. Tal como o anterior, os inventários Castelo Melhor contêm milhares de documentos descritos e datados; salvo raras exceções, os documentos desapareceram totalmente e apenas assim se torna possível conhecê-los. A circunstância de um dos volumes do inventário dizer respeito a propriedades na Madeira, oriundas da Casa da Calheta, levou a equipa a propor uma comunicação ao já referido congresso sobre as ilhas da Macaronésia, que foi redigida e apresentada em conjunto com o grupo de alunos que se ofereceu para esta tarefa específica²⁸.

Os benefícios deste tipo de abordagem são, quanto a nós, de grande relevância: o estudo e a descrição destes inventários oferece aos alunos uma oportunidade de aprendizagem singular no seu nível de formação, sensibilizando-os para a riqueza dos arquivos de família e eventualmente promovendo futuras especializações no tema em formações avançadas; o próprio arquivo e a documentação produzida pelas famílias são valorizados com a disponibilização gratuita das descrições e com a divulgação pública dos resultados das investigações; e, por fim, é reforçado o diálogo entre as universidades e os proprietários de arquivos de família, parte ativa na execução destes projetos.

A importância dos programas e projetos de investigação

A par da formação avançada e das reuniões científicas, os programas/projetos de investigação constituíram uma terceira componente de grande relevância no programa de estudo sobre os arquivos de família. Permitiram não só reforçar a internacionalização da investigação através do contacto com diversas universidades e instituições além-fronteiras, mas também tecer leituras comparativas entre diferentes contextos em Portugal e no estrangeiro. Em adição, ofereceram a possibilidade de reforçar o diálogo entre a Universidade e os proprietários de arquivos de família, explorando novas vias de estudo e valorização deste património documental.

²⁷ Luís Vasconcelos e Sousa, a quem se agradece a sua prolongada colaboração com o ARQFAM, tendo nomeadamente disponibilizado o Arquivo dos Viscondes de Vila Nova de Cerveira, na sua posse privada, para a realização do doutoramento de Filipa Lopes. A orientação do projeto cabe a Maria de Lurdes Rosa.

²⁸ Serafim Cabral, Fábio Duarte, Gabriela Galveia, Raquel Novais, Pedro Reis, Sara Ribeiro.

Neste quadro, o primeiro projeto que merece referência, executado entre 2013 e 2015, foi o já mencionado “ARCHIFAM - Arquivos de família na Península Ibérica (finais do século XIII – início do século XVII)”²⁹. Como referimos, tratou-se mais propriamente de um “programa de investigação”, isto é, uma “incubadora” de projetos de investigação, propiciando a formação de doutorandos, o desenvolvimento de laços de investigação entre grupos científicos, e a reflexão sobre o tema escolhido, com ajuda de especialistas convidados. Sob a coordenação científica de Véronique Lamazou-Duplan, o programa ARCHIFAM pretendeu, em essência, estudar o processo de transformação dos documentos em arquivos, tornando evidentes as relações que se estabelecem entre as famílias e os seus arquivos. Entre outros aspetos, demonstrou a complexidade dessas relações, vigentes tanto na génese dos núcleos documentais como ao longo de todo o seu percurso de conservação, e a importância do papel desempenhado pelos acervos na formação, consolidação e sobrevivência dos grupos familiares aristocráticos, mercantis e camponeses. Nesse sentido, acabou por relevar os benefícios da escrita de uma história das famílias ancorada não em arquivos dispersos produzidos por instituições ou entidades terceiras, mas na própria produção documental dos grupos familiares. Para além de diversas reuniões científicas e de um atelier doutoral, o programa ARCHIFAM resultou na edição de uma obra conjunta que será publicada em breve pela *Casa de Velázquez*. E é justo dizer que a sua função de fundo de propiciar projetos está em curso, com influência duradoura. Entre outros, se bem que reunisse sinergias diferentes e trabalho anterior, o projeto de que falaremos a seguir beneficiou, sem dúvida, em múltiplos aspetos, do enquadramento de parte da equipa no ARCHIFAM, tendo por seu lado integrado alguns membros deste programa.

Sob a forma de projeto de investigação propriamente dito, a área de estudo em apreço desenvolveu, entre 2014 e 2015, o “INVENT.ARQ – Inventários de arquivos de família, sécs. XV-XIX: de gestão e prova a memórias perdidas. Repensando o arquivo pré-moderno”, sob a coordenação científica de Maria de Lurdes Rosa e financiamento FCT. Reunindo uma equipa internacional de investigadores, o projeto visou contribuir para um melhor conhecimento do arquivo na Europa pré-moderna. Para tal, concentrou-se na contextualização e na descrição de um conjunto de inventários de arquivos de famílias nobres, analisados a partir de um olhar interdisciplinar que combinou as perspetivas da História, da Antropologia Histórica e da Arquivística. Para além de reforçar a ideia de que os inventários devem constituir objetos de investigação histórica

²⁹ <https://www.casadevelazquez.org/pt/investigacao/programas-cientificos-ehehi/anciens-programmes/archifam/archifam/apresentacao-geral/>.

e arquivística em si mesmos, não se reduzindo, apenas, a meros instrumentos de recuperação de informação, este projeto demonstrou claramente a grande complexidade destes documentos e dos contextos que justificaram a sua produção no decorrer dos percursos sociais das famílias. A par de várias reuniões científicas e da realização final de uma mostra documental com inventários antigos provenientes de diferentes arquivos públicos e privados, o projeto INVENT.ARQ teve como resultados a disponibilização em linha e em *open source* das descrições dos inventários, utilizando a ferramenta AtoM³⁰, e a publicação de um catálogo em inglês, igualmente de acesso gratuito em linha, que inclui também estudos realizados pela equipa de investigação³¹. Tanto o ARCHIFAM como o INVENT.ARQ estiveram sedeados nas unidades de investigação em História da FCSH, sempre no IEM e, com alguma variação devido à especificidade epocal, no CHAM e no IHC. O apoio destas unidades foi evidentemente importante, tal como o trabalho realizado contribuiu para a produção científica das mesmas.

O terceiro projeto, na verdade uma *research proposal* segundo o modelo americano, com estadia / *fellowship* em instituição de investigação, decorreu em 2015, com a concretização de um projeto individual de Maria de Lurdes Rosa durante uma *membership* semestral na *School of Historical Studies* do *Institute for Advanced Study* (Princeton, EUA). O projeto, intitulado “Reconstructing noble family archives, remaking family histories (Medieval and Early Modern Portugal). Recovered voices, newfound questions”, permitiu uma primeira sistematização e análise dos resultados da investigação coletiva, beneficiando dos excelentes recursos científicos das universidades americanas, e da sua prática de debate intenso das investigações. Ainda em curso, tem como objetivo principal a redação de uma monografia em inglês, de modo a potenciar a internacionalização do trabalho realizado.

Publish or perish? Gerir a dinâmica das publicações

Todas as avaliações sublinham a importância das publicações, e todos os grupos de investigação sabem como este é um objetivo difícil de alcançar – mas também um dos mais gratificantes, no que representa de disponibilização de resultados. Adicionalmente, para os investigadores em início de carreira,

³⁰ http://www.inventarq.fcsh.unl.pt/index.php/?sf_culture=pt

³¹ M^a de Lurdes Rosa, Randolph C. Head (eds.), *Rethinking the archive in pre-modern Europe*, disponível em <http://iem.fcsh.unl.pt/ebooks/estudos13/>.

em Portugal, este parâmetro torna-se cada vez mais importante nos concursos internacionais (como são hoje em dia os da FCT), pois é prática corrente, em muitos países da Europa, há pelo menos uma década, que os doutorandos publiquem antes da finalização da tese, e uma exigência clara de que o façam com reforço nos primeiros anos a seguir a esta. Este facto, ainda menosprezado entre nós, aliado à existência de muito mais revistas avaliadas em diferentes países, mais facilmente acessíveis aos seus naturais, do que em Portugal, conduz a uma situação de clara desvantagem nos referidos concursos. Nunca será, pois, demasiado sublinhar a importância desta ação, em áreas de investigação universitária, em especial as emergentes.

Ao longo do percurso de investigação que temos vindo a analisar, procurámos traduzir os resultados das iniciativas de formação avançada, das reuniões científicas e dos projetos em publicações científicas. Neste momento contamos com cinco obras conjuntas dirigidas ou coordenadas por membros da equipa, treze artigos publicados ou a publicar em revistas indexadas portuguesas e internacionais e trinta e sete capítulos de livros publicados ou no prelo. Estes resultados foram, sempre que possível, disponibilizados em linha em acesso aberto e redigidos nas línguas exigidas, com uma opção crescente pelo inglês. Sem que seja possível indicar de forma exaustiva o conjunto de publicações, que poderá ser consultado no site do programa ARQFAM, faremos uma breve apreciação das suas linhas diretivas.

Do conjunto destacamos, em primeiro lugar, as publicações decorrentes das investigações conduzidas no âmbito da formação avançada: doutoramentos (que, estando disponibilizados no RUN ou no Academia.edu, ganham grande visibilidade), artigos deles resultantes, estudos teóricos e historiográficos. É de algum modo o grupo mais difícil de manter, pois resulta de um trabalho de fundo que demora anos a dar fruto, mas que não pode ser descurado, pois representa o “core” da contribuição do grupo para a investigação na área. Cruzando-se com ele, o segundo grupo de publicações é o que nasce de projetos de investigação; se oferece a vantagem do financiamento próprio, obriga a uma gestão no ritmo imposto pelos financiadores / organizadores. Em terceiro lugar, as publicações que resultaram das reuniões científicas também têm especificidades. Referimo-nos neste caso aos livros *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: que presente, que futuro?* e *D. Álvaro da Costa e a sua descendência, sécs. XV-XVII: poder, arte e devoção*, associadas aos encontros com os mesmos títulos; a estas obras se juntará, em 2018, a publicação das investigações apresentadas no encontro “Arquivos de Família & Investigação em História”, cuja edição será em inglês e em regime de *peer-review*. Refletindo-se sobre a importância deste tipo de publicação mesmo

num programa de investigação misto, como é o caso deste, entre universidade, instituições patrimoniais e proprietários de arquivos privados, chega-se à conclusão de que se por um lado é fundamental deixar um produto publicado, por outro os alargamentos, tanto disciplinares como extrauniversitários, colocam problemas na revisão por pares. A crescente importância desta prática conduziu à preparação do próximo livro em conformidade com ela, mas a experiência das obras anteriores convenceu-nos da necessidade do não encerramento em modelos editoriais exclusivamente académicos. É importante manter modelos mistos, assentando na revisão por pares de alguns artigos, e num trabalho editorial forte por parte dos coordenadores, em trabalhos “menos académicos”; tal como é fundamental trabalhar em obras de difusão, destinadas ao público em geral. Um último tipo de publicação da equipa tem precisamente a ver com o público vindo desta área: a obra *Arquivos de família: memórias habitadas. Guia para a salvaguarda e estudo de um património em risco*. À semelhança de outros exemplares publicados além-fronteiras, este guia visou fornecer as ferramentas para que os proprietários de arquivos de família pudessem eles próprios compreender, tratar, preservar, proteger e valorizar os seus arquivos. Nesse sentido, partiu do pressuposto de que a custódia e preservação dos arquivos de família não se devem confinar às instituições públicas e estatais, sendo necessário um esforço de envolvimento ativo dos proprietários e de sensibilização para a proteção deste património documental. O facto de a edição ter partido do meio académico não pode fazer esquecer duas realidades essenciais – por um lado, que só foi possível pela integração de arquivistas e conservadores-restauradores; por outro, que foi integralmente custeada por mecenato na área da defesa patrimonial e de arquivos privados.

Sensibilização e difusão cultural para um público alargado

Evocar esta publicação leva-nos diretamente aos objetivos que a fizeram nascer. De facto, o esforço de sensibilização, aliado a iniciativas de difusão cultural para um público alargado, marcou a última vertente do percurso de investigação sobre arquivos de família. Nesta categoria integra-se, em primeiro lugar, a oferta de cursos livres ou ações de formação pensados não só para alunos universitários e investigadores, mas também para potenciais interessados fora da academia, muito em particular para os proprietários de arquivos de família e para arquivistas que pretendam aprofundar a sua formação. De entre os cursos livres lecionados destacamos: o curso “Heráldica, genealogia e arquivos de família” (2010), que visou articular

três ramos do saber, que muitas vezes se entrecruzam no estudo dos grupos familiares; o curso “A Família: identidade, memória, história” (2011), que pretendeu fornecer instrumentos de reflexão sobre a construção da identidade familiar, sobre a constituição e transmissão da memória no seio dos grupos familiares e ainda sobre as narrativas construídas em torno da família; o curso “Compreender o arquivo” (2017), que, pensando os arquivos em geral, teve como objetivo compreendê-los na sua dupla aceção - como instituições e como conjuntos documentais - a partir da Arquivística e das Ciências Sociais; e, por último, a Ação de formação “Arquivos de Família: hipóteses de trabalho” (2017), que decorreu na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

A par destes cursos e ações de formação, revelaram-se igualmente bem-sucedidas duas exposições gratuitas acolhidas pelo Arquivo Nacional Torre do Tombo, que exibiram parte da documentação estudada no âmbito do colóquio sobre D. Álvaro da Costa, em 2011, e do projeto INVENT.ARQ, em 2016. Ambas se caracterizaram por um elevado número de documentos provenientes de arquivos privados, a maioria nunca antes divulgados, fruto da colaboração com os proprietários daqueles.

Por fim, apesar de todas as dificuldades inerentes à montagem e sobretudo à manutenção / atualização de sítios interneticos, achou-se fundamental apostar neste produto de grande visibilidade. Os resultados do ARQFAM encontram-se em três sítios em linha, nomeadamente “Arquivos de família” (<http://fesh.unl.pt/arqfam/>), que apresenta um resumo de todas as vias e produtos de investigação; “INVENT.ARQ” (<http://www.inventarq.fesh.unl.pt/>), que reúne as descrições dos inventários analisados no contexto do projeto de investigação; e “Arquivística Histórica” (<http://www.arquivisticahistorica.fesh.unl.pt/index.php/>), onde são disponibilizadas as descrições dos arquivos estudados nas teses de Doutoramento. Nestes dois últimos merece destaque a aposta no software *open-source*, de acordo com as melhores práticas de tratamento e/ou difusão de resultados de ciência.

2.2. Estudos de caso para uma renovação de temas e problemas

No âmbito da via de formação avançada do percurso de investigação exposto na secção anterior foram realizados e encontram-se em execução diversos estudos de caso sobre arquivos de família da nobreza portuguesa de Antigo Regime, numa cronologia que se estende desde inícios do século XIV até meados do século XX. Na sua generalidade, estes estudos procuram aliar o conhecimento

dos arquivos, como objetos de estudo em si mesmos³², à análise da história das entidades responsáveis pela sua produção, conservação e transmissão. Essa procura parte, em essência, de três pressupostos centrais: em primeiro lugar, e nas palavras de Joseph Morsel, da noção de que os arquivos de família desempenharam naquele contexto cronológico um papel “sociogenético” na formação e consolidação dos grupos familiares, revelando-se essenciais para as estratégias sociais, políticas e económicas das famílias³³; depois, da ideia de que a inteligibilidade do passado dos grupos familiares e a própria escrita da sua história estão necessariamente condicionados pelo conhecimento dos percursos de produção, conservação, usos e transmissão da documentação; e, por último, da convicção de que esse conhecimento é largamente enriquecido por uma abordagem interdisciplinar capaz de aliar os preceitos teóricos e práticos da História e da Arquivística.

A metodologia seguida nestes estudos de caso começou por compreender os arquivos na sua totalidade, examinando exaustivamente a documentação neles contida. Nesse exame fez-se um primeiro esforço para detetar as ausências, isto é, para detetar os registos que teriam sido produzidos ou recebidos pelos grupos familiares, mas que, por motivos diversos, já não se encontravam nos arquivos. Neste ponto foi essencial o estudo dos inventários de arquivo, que permitiram determinar as diferenças entre os arquivos à data das inventariações e tal como hoje os conhecemos. De seguida, acompanhou-se em paralelo a história dos arquivos e das próprias famílias, mantendo sempre no epicentro da análise as relações orgânicas que se foram estabelecendo entre os dois numa cronologia larga. A partir daqui colocaram-se questões teóricas da História, da Arquivística e da Arquivística Histórica, explorando-se problemáticas distintas, tais como os motivos que levaram à produção de documentos, os diferentes usos e significados que lhes foram sendo atribuídos, o modo como se procedeu à sua conservação e transmissão, os contextos em que ocorreram (re) organizações e (re)inventariações dos acervos e a forma como foram executadas ou a relação entre a constituição de arquivos e a ascensão social das famílias. Esta abordagem permitiu depois avançar para a construção de uma proposta de quadro de classificação dos arquivos, para a descrição total ou parcial da

³² Campo historiográfico recentemente recenseado v.g. em Filippo de Vivo (et al.), “Archival Transformations in Early Modern European History”, *European History Quarterly*, v. 46, n. 3 (2016), p. 421-434.

³³ Joseph Morsel, “En guise d’introduction: les chartriers entre «retour aux sources» et déconstruction des objets historiens”, in Philippe Contamine; Vissière, Laurent (eds.), *Défendre ses Droits, Construire sa Mémoire. Les Chartriers Seigneuriaux XIIIe – XXIe siècle. Actes du Colloque International de Thouars (8-10 Juin 2006)*, Paris, Société de l’Histoire de France, 2010, p. 17.

documentação e para a elaboração de registos de autoridade na ferramenta AtoM, disponibilizando-os em linha em livre acesso à medida que vão sendo finalizados. Apresentamos de seguida breves resumos de seis estudos de caso concluídos ou em execução com o objetivo de exemplificar algumas das leituras possíveis construídas a partir de arquivos de família concretos.

O Arquivo Gama Lobo Salema e a produção, gestão e usos dos arquivos de família

Este estudo de caso, conduzido por Rita Sampaio da Nóvoa, partiu do designado Arquivo Gama Lobo Salema, um arquivo de família hoje composto por cerca de 2200 documentos produzidos, recebidos, geridos e preservados por diversos grupos familiares da nobreza Portuguesa entre os séculos XIV e XX³⁴. O seu objetivo central passou por aliar a História e a Arquivística no estudo e representação da produção, gestão e usos dos arquivos de família nobre durante os séculos XV e XVI, oferecendo, assim, a possibilidade de conhecer as famílias a partir da sua própria produção e acumulação documental. Os quatro grupos familiares a estudar – os Salema, os Vana, os Bulhão e os Queimado de Vilalobos – foram selecionados em função do inquérito teórico histórico-arquivístico, e os respetivos percursos foram sendo interpretados à luz das suas práticas documentais, das suas estratégias arquivísticas, dos seus modelos de gestão documental, dos usos que atribuíram aos acervos. Desta leitura concluiu-se que os arquivos cumpriram um papel fundamental na formação e na consolidação dos grupos familiares, desempenhando múltiplas funções nas mais diferentes componentes do percurso e ação das famílias.

O Arquivo da Casa de Belmonte, sécs. XV-XIX: identidade, gestão, poder

O Arquivo da Casa de Belmonte, objeto de estudo da tese de doutoramento de Maria João da Câmara Andrade e Sousa, tem cerca de 30 metros lineares de documentação, que foi produzida entre o final do século XV e a atualidade³⁵. A produção documental e respetiva conservação iniciou-se na segunda

³⁴ Rita Sampaio da Nóvoa, *O Arquivo Gama Lobo Salema e a produção, gestão e usos dos arquivos de família nobre nos séculos XV-XVI*. Dissertação (Doutoramento em História, especialização em Arquivística Histórica) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), Universidade Nova de Lisboa; Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne. Lisboa & Paris, 2016.

³⁵ Maria João da C. Andrade e Sousa, *O Arquivo da Casa de Belmonte séculos XV-XIX: identidade, gestão e poder*. Dissertação (Doutoramento em História, especialização em Arquivística Histórica) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2017.

metade do século xv com a linhagem dos Figueiredos, chamados “Escrivães da Fazenda”. A documentação existente foi analisada em conjunto com as descrições de dois grandes inventários antigos do arquivo (datados de 1722 e de 1807). Após um estudo minucioso da história custodial e dos contextos de produção dos inventários, a comparação das descrições documentais nos vários momentos de inventariação permitiu compreender que o Arquivo da Casa de Belmonte se constituiu essencialmente a partir da documentação relacionada com o património: compra de propriedades, privilégios e direitos sobre Bens da Coroa, cartas fundacionais (morgadio), testamentos, entre outros. Adicionalmente, a posse da documentação – e respetiva informação – permitiu que o grupo mantivesse (e defendesse) o seu património, mas o arquivo foi também um dos pilares da construção da identidade familiar, na medida em que acumulou e cristalizou informação genealógica sobre as várias gerações da família.

Costas com Dom: Família e Arquivo (Séculos XV-XVI)

Esta tese, da autoria de Margarida Leme, não parte de um arquivo concreto, ainda existente, mas almeja antes reconstituir o que teriam sido os arquivos de diversos membros de uma família nobre, membros de uma mesma linhagem descendente de um patriarca fundador, Álvaro da Costa (c. 1470-1540), cuja descendência se prolongou por diversos ramos até aos nossos dias³⁶. Assumindo que a história da nobreza será sempre mais rica e completa se partir de dentro, ou seja, dos seus próprios arquivos, e na ausência destes, por vicissitudes diversas, experimentou-se uma metodologia de reconstrução que constitui a grande novidade da tese: identificar a produção do grupo familiar a partir seja dos documentos conservados em outros arquivos, selecionados com base no estudo das “esferas de relacionamento”, seja de outros arquivos de família relacionados, que chegaram, total ou parcialmente, aos nossos dias. Alcançou-se assim um *corpus* muito razoável de documentação, com um total de 645 documentos para as quatro gerações de “Costas com Dom” estudadas, entre os finais do século xv e os inícios do século xvii.

O Arquivo Almada e Lencastre Bastos e os arquivos de família das elites pré-modernas portuguesas

³⁶ Entregue para defesa em setembro de 2018.

A investigação de Alice Gago incide sobre o estudo dos arquivos de sete famílias portuguesas dos séculos XIV-XVI, representadas por sistemas familiares e por geração, visando analisar a sua produção documental, usos informacionais e documentais³⁷. Estas famílias produtoras têm em comum um conjunto de premissas: instituíram vínculos até meados do século XVI, tendo adotado o “modelo reprodutivo vincular”³⁸; encontram-se geograficamente implantadas na região do Entre-Douro-e-Minho; são as que apresentam um maior volume de documentos em termos quantitativos; por fim, os núcleos documentais a elas associados oferecem exemplos mais ricos e diversos no que ao estudo da produção, gestão e usos dos arquivos de família das elites diz respeito. Serão estudadas as seguintes famílias: os Lopes de Carvalho, que em meados do século XVI administram a capela fundada por Vasco Lourenço em Guimarães, à qual é associado o morgadio instituído pelo seu sobrinho Diogo Lopes de Carvalho na mesma localidade; os Cunha, administradores da capela instituída em 1500 por Pero Vaz da Praça em Monção; os Valadares, os Carneiro, os Machucho, os Ferraz, os Ribeiro e os Barreto, todos eles instituidores de vínculos até à primeira metade do século XVI, oriundos de ou ligados ao Porto, onde ocuparam cargos camarários e constituíram a oligarquia da cidade, alternando e consolidando posições no poder, reforçadas pelas alianças matrimoniais que estabeleceram entre si, comportamento também registado para as oligarquias eborenses e lisboetas para o mesmo período cronológico. De estatuto social um pouco diferente, por serem senhores da Barca, onde tinham poder jurisdicional, foram ainda incluídos no estudo os Magalhães, família na qual entroncarão estas famílias do Porto, já no século XVII.

História(s) de uma Casa e de um arquivo: os Viscondes de Vila Nova de Cerveira, da ascensão à consolidação institucional (séculos XIV-XVII)

O projeto de doutoramento de Filipa Lopes pretende aprofundar o conhecimento da história social e institucional das famílias que produziram o(s) arquivo(s) dos Viscondes de Vila Nova de Cerveira, desde o século XIV até à consolidação da Casa titular no século XVII, partindo de um estudo aprofundado da sua produção informacional e da transformação dessa

³⁷ A entregar em 2019.

³⁸ Nuno G Monteiro, “Trajectórias sociais e formas familiares: o modelo de sucessão vincular”, In Francisco Chácon Jiménez, Juan Hernandez Franco (eds.), *Familias, poderosos y oligarquías* Murcia, Univ. de Murcia, 2001, p. 17-37.

informação em documentos e em arquivo(s) ao longo deste período³⁹. O acervo, em posse privada, e outros documentos dispersos que tenham pertencido ao arquivo familiar serão, simultaneamente, um objeto de estudo e uma fonte, analisados sob uma perspetiva que beneficia da recente confluência de teorias e metodologias da História e da Arquivística no estudo de arquivos. O estudo compreenderá uma reorganização intelectual dessa documentação feita de acordo com a organicidade da família/Casa produtoras, e em função de um estudo histórico aprofundado. Os resultados, a disponibilizar em livre acesso através do *software* AtoM, apoiarão a análise da produção da informação e da sua documentalização, assim como dos usos, funções e significados atribuídos a estes conjuntos documentais pelas gerações/famílias/linhagens/Casa em questão. Será fundamental compreender em que medida os documentos transformados em arquivo foram fatores essenciais para a sobrevivência, funcionamento e solidificação desta(s) família(s)/Casa e para a construção da sua memória, identidade e poder.

El fondo “Conde de Siete Fuentes”: la construcción de la memoria de linaje y la identidad aristocrática en el mundo atlántico a través de un archivo de familia (siglos XVI-XX)

A tese de Judit Gutiérrez de Armas investiga os arquivos de família sob um prisma específico, com recurso a uma metodologia experimental e inovadora: o arquivo como reconstrução e a “genealogia do documento” (J.R. Nuñez Pestano)⁴⁰.

Nas Canárias, os colonizadores não levaram documentos com eles, pelo que, com a hierarquização da sociedade canarina durante o reinado de Filipe II de Castela, as famílias de poder, que aspiravam entrar nos regimentos, nos ofícios régios, militares e religiosos, não tinham documentos para demonstrar a sua limpeza de sangue e fidalguia. Esta situação levou-as a (re)construir os seus antecedentes familiares nas sociedades de origem. Estes documentos foram conservados pelas famílias e, em muitas ocasiões, foram partilhados entre os membros dos grupos familiares como “documentos da linhagem”. A análise do fundo Conde de Siete Fuentes e a sua comparação com outros arquivos semelhantes revelam ainda uma segunda reconstrução / criação de arquivos – em

³⁹ A entregar em 2021.

⁴⁰ Juan R Nuñez Pestano, R González Zalacaín, “La formación de un archivo familiar: los Lercaro de Tenerife”, in *Familles et archives, archives de famille et péninsule Ibérique et dans l'Occident chrétien (Moyen Âge, première Modernité)*, coord. Véronique Lamazou-Duplan, co-ed. Maria de Lurdes Rosa (et.al.) (no prelo).

finais do século XVIII, em função da obrigatoriedade de inscrever na *Contaduría de Hipotecas* (criada em 1768) as rendas associadas às propriedades. Estudar a relação entre essas (re)construções e a projeção de uma identidade nobiliárquica é o grande objetivo da tese⁴¹.

Conclusão

No termo desta apresentação, e dado que os balanços foram sendo feitos ao longo das diferentes partes do texto, indicar-se-ão, com espírito otimista, algumas perspectivas de futuro. No que à Arquivística Histórica diz respeito, seria antes de mais importante continuar a formação, cimentando um campo de pensamento que se quer autónomo e crítico. Compreendendo todas as evoluções académicas e todas as mudanças de paradigmas de organização dos campos disciplinares, é bom que elas se façam de forma inclusiva e dialogante. A coexistência de diferentes modos de olhar para os arquivos e a informação é a tónica em muitas partes do mundo e tem permitido notáveis avanços. A história dos arquivos e da informação, bem como as reflexões dos historiadores sobre a nova epistemologia das fontes, por outro lado, são campos que deveriam ser mais frequentados tanto por historiadores em geral, como pelos cientistas da Informação. Os votos quanto ao futuro são, aqui, do estreitar da colaboração mútua, baseada tão-somente na discussão dos contributos novos de cada grupo. Uma última palavra cabe ao estudo dos arquivos de família. Seria essencial, antes de mais, um levantamento global, entre instituições públicas e proprietários privados. Essa é uma das tarefas a que nos propomos, no futuro próximo. Num segundo momento, o aprofundar de questões científicas históricas e arquivísticas surge como condição para a prossecução de um trabalho de qualidade, no longo prazo: que instituições produtoras? Que tipo de relação dos sujeitos com a documentação produzida? Como usam os historiadores estes arquivos? Como devem ser organizados? Possuem uma orgânica e, se sim, qual (quais)? Como podem ser vistos como “arquivos de comunidades”, também importantes para o presente? Esta lista de questões, que poderia prolongar-se, quer ser, antes de mais, uma prova do enorme interesse que pode ter este trabalho, e como tal constituir-se em desafio para os investigadores, em especial os jovens, com quem é sempre tão enriquecedor trabalhar.

⁴¹ A entregar em 2019.